

## O caldeirão soviético: um estudo das nacionalidades

Weverton Aguiar da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Reginaldo Benedito Dias (Orientador). E-mail: wevertonaguiar@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Maringá, PR.

**Área do conhecimento: 70000000**

**Subárea do conhecimento: 70503001**

**Palavras-chave:** União Soviética, Nacionalismo, Nacionalidades.

### RESUMO:

Este projeto tem como objetivo o estudo das razões que levaram aos levantes nacionalistas dentro do território soviético, especialmente o caso da Hungria, onde é possível identificar um massivo apoio de movimentos de esquerda, inclusive de intelectuais ligados ao movimento marxista. Apresentaremos também alguns debates, dentro e fora da União Soviética, sobre teorias relacionadas ao nacionalismo. Dessa forma, poderemos questionar como a União Soviética tratou viu e tratou tais movimentos, questionando também se eles eram baseados em razões puramente nacionalistas, buscando questionar as ações soviéticas em seus países satélites, bem como o tratamento dado a questão das nacionalidades pelo Partido Comunista da União Soviética.

### INTRODUÇÃO

A União Soviética tinha dentro de seu território um caldeirão de nacionalidades, conflitos e guerras históricas, que evidentemente acabou por criar a necessidade de levar tal questão a sério, criando, por exemplo, o cargo de comissário das nacionalidades logo após a Revolução de Outubro, que foi exercido por Stalin de 1918 a 1922. Outra ação importante dos Bolcheviques foi o apelo *A todos os trabalhadores muçulmanos da Rússia e do Oriente*. O manuscrito foi lançado um mês após a chegada dos bolcheviques ao poder, e aposta num poderosa retórica, defendendo a autodeterminação, liberação, independência e se opondo ao imperialismo. O objetivo principal era estabelecer uma unidade na luta contra a opressão nacional e colonial.

Tida como uma questão digna de atenção desde os primeiros anos pós-revolução de 1917, as nacionalidades na União Soviética sempre foi motivo de perguntas e levantamentos. Por sua característica federativa, a União Soviética tinha dentro de seu território 13 países, e mais de 100 nacionalidades. Estas nacionalidades eram denominadas como subnacionalidades (natsional'nost'), que eram os grupos étnicos mais consolidados e conseqüentemente maiores, passando de 300 mil pessoas, como eram os casos de russos, ucranianos entre outros. Para que se possa entender um pouco mais a importância da questão da nacionalidade

dentro do território soviético, é importante ter em mente que a nacionalidade na Rússia sempre esteve ligada à descendência familiar (jus sanguinis), e não ligada legalmente ao local de nascimento (jus soli), como é o direito no Brasil, por exemplo.

A nacionalidade era ponto tão importante dentro da União Soviética que os documentos de identificação tinham dois itens que para nós pode soar confuso: cidadania e nacionalidade. Obviamente no campo “cidadania”, preenchia-se “cidadão soviético”, mas o campo da nacionalidade era preenchido de acordo com a nacionalidade do pai ou da mãe, excluindo assim o local de nascimento. Dessa forma, no caso de uma criança nascida na república da Ucrânia, mas com pai estoniano e mãe russa, ela jamais seria classificada como ucraniana, mas sim como russa ou estoniana.

Para alguns autores, em especial Robério Paulino Rodrigues, as nacionalidades não russas se sentiam pressionadas e sufocadas pelos russos, estes que comandavam o aparato da União Soviética. As “nacionalidades sentiam-se politicamente sufocadas pelo centro do sistema” e o “controle das distintas nacionalidades não-russas pelo aparato central era assegurado com a presença dos russos em cada região, o que não deixava de gerar descontentamento”. (RODRIGUES, 2006, p. 252).

Além de discussões políticas, e mesmo que elas se estendam à economia, outro fator importante no que diz respeito as nacionalidades, é a cultura. se, quando falou sobre a revolta na Hungria na década de 50, levantou um ponto importante a respeito das tradições incrustadas em cada nacionalidade. Segundo MÉSZÁROS (2018, p.87): “a situação nacional tem uma importância particular quando se trata da relação de uma nação com as próprias tradições culturais: a relação, neste caso, tanto em sentido positivo como negativo, deve-se estender a uma gama muito maior de heranças culturais que não dizem respeito à cultura de outras nações”. Ou seja, além do resguardo das tradições culturais de cada nação, mas também celebrá-las, sendo extremamente importante acrescentá-las “ao conjunto das heranças de valor”.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Os principais materiais utilizados na elaboração deste projeto consistem nos trabalhos referenciados na seção de referências bibliográficas. Como método principal, foi utilizado o estudo bibliográfico comparado

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Três meses após a chegada dos bolcheviques ao poder na Rússia, deu-se início a um processo político baseado na retórica da “autoderminação, liberação, independência e anti-imperialismo”, estabelecendo uma unidade na luta contra a opressão nacional e imperialista. Em tentativas de alianças, os soviéticos, liderados por Lenin, foram atrás de apoio com líderes diversos, entre eles o turco Enver Pasha, o rei afegão Amanullah, com Kemal Pasha na Anatólia, além de outros nacionalistas não-socialistas.

Mas as alianças dos bolcheviques eram com líderes e movimentos nacionalistas fora do território russo; os marxistas russos buscaram ganhar aliados entre as nacionalidades não-russas e massacrar qualquer tentativa nacionalista que colocasse em perigo a unidade do Estado. Acreditavam que as diferenças nacionais existentes e causadoras de antagonismos entre os povos desapareceriam gradualmente com a supremacia do proletariado. Para os bolcheviques, era necessário abafar e reprimir soluções políticas que pudessem desviar o fluxo da história, que deveria seguir com a supremacia do proletário, ou *solução proletária*, responsável por promover uma identidade étnica.

O pensamento de Lenin a respeito da questão nacional veio em oposição ao defendido por Rosa Luxemburgo, que entendia que o problema do direito das nações estava baseado no fato de não conter em si a teoria da luta de classes, uma vez que para a autora polonesa, se encontrarmos “na história das sociedades modernas certos movimentos ‘nacionais’ e certas lutas pelos ‘interesses nacionais’, trata-se dos eternos movimentos classistas do estrato burguês predominante, que num dado momento podem até certo ponto representar também os interesses de outros estratos sociais [...]” uma vez que a classe trabalhadora ainda não conseguiu se diferenciar como classe independente e “politicamente consciente da massa da população liderada pela burguesia” (LUXEMBURG, 1988 apud PRASHAD, 2020, p. 10).

O problema da abordagem de Luxemburgo sobre a ideia do nacionalismo, segundo Lenin, estava na redução da “questão nacional à economia e à independência econômica” (idem, p.11), não se interessando pela questão política. Lenin insiste “no fato de que a questão do direito das nações a disporem de si próprias ‘remete inteira e exclusivamente ao campo da democracia política’, ou seja, ao campo do direito à separação política, à constituição de um Estado nacional independente” (LÖWY, 2004, p. 3).

## CONCLUSÕES

A questão principal reside no fato do pensamento dos bolcheviques sobre a temática das nacionalidades ter se alterado com o tempo, não seguindo intacto após a revolução ou mesmo uma década após a guerra civil, quando já era possível ver nacionalidades como os judeus e os armênios, além dos ucranianos na Rússia, gozando de determinados privilégios, sendo capazes e permitidos a obter suas próprias escolas e sovietes funcionando extraterritorialmente. Com tais práticas ocorrendo quase que normalmente, o que se viu na União Soviética foi “a consolidação da etnia ao invés de seu desaparecimento” tornando a URSS um “incubador de novas nações” (idem, p. 45).

No entanto, em relação ao caso húngaro, o que se pode ver foi a implementação forçada do modelo socialista soviético, com gigantescas e determinantes mudanças no campo da produção, bem como na educação, mudando o sistema de ensino de forma quantitativa e qualitativa.

No aspecto quantitativo, as mudanças passaram a ocorrer principalmente pela gratuidade do ensino, causando superlotação nas salas de aula. Estima-se que

de 1949 a 1955 o número de alunos no ensino médio tenha duplicado, ocasionados pelos milhares de filhos de operários e camponeses que passaram a frequentar à escola. Já as mudanças qualitativas se deram através da necessidade de uma “transformação radical” no conteúdo do ensino, reorganizando assim todo o sistema educacional húngaro. Assim, “a origem social tornou-se critério de admissão na universidade, os professores eram obrigados a ter uma formação marxista, o próprio conhecimento foi reestruturado por meio dessa ótica, a história do país tinha também de ser reescrita, através de uma perspectiva marxista [...]” (SZABO, 2006, p. 24). Além disso, o estudo da língua russa passou a ser obrigatório.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPQ por conceder a bolsa que viabilizou a produção dessa pesquisa, e ao Professor Reginaldo Benedito Dias, que me orientou e contribuiu para que alcançássemos os resultados apresentados.

## REFERÊNCIAS

LÖWY, Michael. O sonho naufragado: a Revolução de Outubro e a questão nacional. **Lutas Sociais.**, São Paulo n. 7, p. 131–142, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18782>. Acesso em: 29 setembro 2023.

PRASHAD, Vijay. O Lenin internacionalista: autodeterminação e anticolonialismo. *Germinal: Marxismo E educação Em Debate.*, Salvador v. 12 n. 2, p. 6–20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/39010>. Acesso em: 29 setembro 2023.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas.** 2006. Tese (Doutorado em História Econômica), Universidade de São Paulo.

MÉSZÁROS, István. **A revolta dos intelectuais na Hungria:** dos debates sobre Lukács e sobre Tibor Déry ao Círculo Petöfi. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

SZABO, Ladislao. Caminhado para a Revolução. *In:* SZABO, Ladislao (org.). **Hungria 1956... e o muto começa a cair.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-52.